

A HISTORICIDADE DOS EVANGELHOS

Faz muito tempo que deixei o seminário beneditino. Minha experiência sacerdotal no Mosteiro de São Bento aconteceu quando eu tinha apenas 19 anos de idade. Devido à prevaricação de meu tutor espiritual, um monge com graduação em Direito, em Filosofia e em Teologia (com especialização em Filosofia e Teologia Tomistas), saí da vida monacal decepcionado, frustrado, revoltado. Disposto a achar outra doutrina que satisfizesse meus anseios espirituais, que não fosse o Cristianismo. Pesquisei durante 8 anos. Li tudo que falava de religião, filosofia, teologia e semelhantes assuntos, procurando uma alternativa para o Cristianismo, que me havia deixado nas mãos de um pedófilo. Não encontrei, por mais que eu procurasse, nada semelhante em consistência e veracidade interna e externa. Após minhas pesquisas de 8 anos (leituras, estudos, debates) eu continuava cristão: não tinha como substituir a “velha” religião dos meus pais por outra.

Nesse período conturbado, impressionou-me o Evangelho de Jesus Cristo. Digo “o Evangelho”, porque aprendi no seminário que as 4 versões da biografia de Jesus é chamada de “o Evangelho quadriforme”. Não há nenhum outro livro da Bíblia que se compare ao Evangelho. “Toda a Bíblia é inspirada”, diz São Paulo. Sim, é. Mas nada se compara ao Evangelho. A mensagem de Jesus tal como nos foi transmitida pelos seus Apóstolos tem uma força, uma autoridade, um poder que se justifica tão somente pela divindade do Seu verdadeiro escritor. Porque o escritor do Evangelho é Jesus Cristo. Ele utiliza os Apóstolos e discípulos, porém, indiscutivelmente, Ele é o autor.

Muitas versões da Vida de Jesus foram escritas. Porém não há nenhum desacordo nas mais de duas mil igrejas cristãs sobre a aceitação unicamente do Evangelho Quadriforme: Mateus, Marcos, Lucas e João. Isto é impressionante se levarmos em conta que as diversas correntes do cristianismo divergem sobre praticamente tudo, menos sobre a autoridade dos livros canônicos, rejeitando quaisquer outros.

Assim, se quero saber se uma coisa é boa para mim na vida que vivo, recorro ao Evangelho. É meu farol, meu porto, minha Luz nesse mundo tenebroso.

Desse modo, foi com imenso prazer e satisfação incontida que recebi do irmão Sérgio Guedes (Sersan) esse texto que estou enviando para todos os meus alunos e amigos. É um texto muito equilibrado e escrito seguindo a exigência que se faz necessária quando se fala do Evangelho. Vai aqui o presente que recebi do irmão Sérgio.

Boa leitura. E meu desejo é que o Evangelho lhe traga a mesma certeza que me trouxe sobre um homem chamado Jesus de Nazaré.

Os Evangelhos são verdadeiros?

Os Evangelhos do Novo Testamento são a testemunha ocular da verdadeira história de Jesus Cristo, ou a história pode ter sido mudada ao longo dos anos? Devemos simplesmente aceitar os relatos do Novo Testamento de Jesus pela fé, ou existem evidências de sua confiabilidade?

Peter Jennings, âncora do ABC News, esteve em Israel transmitindo um programa de TV especial sobre Jesus

Cristo. Seu programa, “The Search for Jesus” (A Busca por Jesus), explorou a questão sobre se o Jesus do Novo Testamento tinha precisão histórica.

Jennings apresentou opiniões sobre os relatos do Evangelho do professor da De Paul University, John Dominic Crossan, de três colegas de Crossan do Seminário de Investigação sobre Jesus, e de dois outros estudiosos da Bíblia. (O Seminário de Investigação sobre Jesus é um grupo de estudiosos que debate as palavras e ações registradas de Jesus e, em seguida, utiliza as cores vermelha, rosa, cinza e preta para indicar a confiabilidade dos relatos do Evangelho, na opinião deles.

Alguns dos comentários foram impressionantes. No programa de TV nacional, o Dr. Crossan não apenas lançou dúvida sobre mais de 80% das declarações de Jesus, como também negou a divindade, os milagres e a ressurreição atribuídos a Jesus. Jennings ficou claramente intrigado pela imagem de Jesus apresentada por Crossan.

A busca pela verdadeira história da Bíblia sempre é notícia, motivo pelo qual todo ano as revistas Time e Newsweek trazem uma matéria de capa sobre Maria, Jesus, Moisés e Abraão. Ou—quem sabe?—talvez a matéria deste ano seja “Bob: a história não contada do 13º discípulo desconhecido”.

Trata-se de entretenimento e, portanto, a investigação nunca terminará nem renderá respostas, pois isso acabaria com o assunto para o futuro. Em vez disso, pessoas com opiniões radicalmente diferentes são reunidas como em um episódio de Survivor, embaralhando a questão em vez de trazer mais clareza.

Mas o relatório de Jennings enfocou um aspecto que merece ser levado a sério. Crossan afirmou que os relatos originais de Jesus foram embelezados pela tradição oral e não haviam sido escritos até depois da morte dos

apóstolos. Assim, eles seriam altamente não confiáveis e não poderiam nos oferecer uma imagem precisa do verdadeiro Jesus. Como saberemos se isso realmente é verdade?

Perdidos na tradução?

Então, o que as evidências mostram? Começamos com duas perguntas simples: Quando foram escritos os documentos originais do Novo Testamento? E quem os escreveu?

A importância dessas perguntas é óbvia. Se os relatos de Jesus foram escritos após a morte das testemunhas oculares, ninguém pôde confirmar sua precisão. Mas se os relatos do Novo Testamento foram escritos enquanto os apóstolos originais ainda estavam vivos, sua autenticidade poderia ser estabelecida. Pedro poderia se defender de uma falsa afirmação atribuída a ele dizendo, “Ei, não escrevi isso”. E Mateus, Marcos, Lucas e João poderiam responder a perguntas ou desafios relacionados aos seus relatos sobre Jesus.

Os autores do Novo Testamento afirmaram terem sido testemunhas oculares dos relatos de Jesus. O apóstolo Pedro declarou o seguinte em uma carta: “Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas; mas nós mesmos vimos a sua majestade” (2 Pedro 1:16 NLT).

Uma grande parte do Novo Testamento é composta pelas 13 cartas de Paulo para jovens da igreja. As cartas de Paulo, datadas da metade dos anos 40 e da metade dos anos 60 (anos 12 a 33 depois de Cristo), constituem as primeiras testemunhas da vida e dos ensinamentos de Jesus. Will Durant escreveu sobre a histórica importância das cartas de Paulo: “A evidência cristã de Cristo começa com as cartas atribuídas a São Paulo. ... Ninguém questionou a existência de Paulo, ou seus repetidos encontros com Pedro,

Thiago e João; e Paulo admitia enciumadamente que esses homens haviam conhecido pessoalmente o Cristo.”

Mas será que é verdade?

Em livros, revistas e documentários da TV, o Seminário de Investigação sobre Jesus sugere que os Evangelhos foram escritos entre os anos 130 a 150 d.C. por autores desconhecidos. Se essas datas estiverem corretas, haveria uma lacuna de aproximadamente 100 anos após a morte de Cristo (estudiosos situam a morte de Jesus entre os anos 30 e 33 d.C.). E, uma vez que todas as testemunhas oculares estariam mortas, os Evangelhos só poderiam ter sido escritos por autores desconhecidos, fraudulentos.

Portanto, quais evidências temos em relação a quando os relatos do Evangelho de Jesus foram realmente escritos? O consenso da maioria dos estudiosos é que os Evangelhos foram escritos por apóstolos durante primeiro século. Eles mencionam diversas razões que serão analisadas mais adiante neste artigo. Por enquanto, observe no entanto que três formas iniciais de evidência parecem criar uma base sólida para as conclusões deles:

documentos primitivos de hereges como Marcião e a escola de Valentino mencionando livros, temas e passagens do Novo Testamento (leia “O sorriso de Mona Lisa”) numerosos escritos de fontes primitivas do Cristianismo, como do Clemente de Roma, Ignácio e Policarpo descoberta de cópias de fragmentos do Evangelho com verificação de carbono datada de 117 d.C.

O arqueólogo bíblico William Albright concluiu, na base de sua pesquisa, que todos os livros do Novo Testamento foram escritos enquanto a maioria dos apóstolos ainda estava viva. Segundo ele, “Já podemos afirmar enfaticamente que não existe mais nenhuma base sólida para atribuir a data de qualquer livro a depois de 80 d.C., ou seja, duas gerações

inteiras antes da data entre 130 e 150 d.C., dada pelos críticos atuais mais radicais do Novo Testamento”. Em outro ponto, Albright situa a escrita de todo o Novo Testamento “provavelmente entre 50 d.C. e 75 d.C.”.

O estudioso John A. T. Robinson, notoriamente cético, atribui ao Novo Testamento uma data anterior àquela afirmada até mesmo pelos estudiosos mais conservadores. Em *Redating the New Testament (A Redatação do Novo Testamento)*, Robinson afirma que a maior parte do Novo Testamento foi escrita entre 40 d.C. e 65 d.C.

Isso significa que ele teria sido escrito sete anos após o período em que Cristo viveu. Se isso for verdade, quaisquer erros históricos teriam sido imediatamente apontados tanto por testemunhas oculares como por inimigos do Cristianismo.

Assim, vamos ver a trilha de pistas que nos leva dos documentos originais às nossas cópias atuais do Novo Testamento.

Quem precisa tirar cópias?

Os escritos originais dos apóstolos foram reverenciados. Eles foram estudados, compartilhados, cuidadosamente preservados e armazenados como um tesouro escondido pelas igrejas.

Mas, infelizmente, os confiscos romanos, a passagem de 2000 anos e a segunda lei da termodinâmica cobraram seu preço. Então, hoje, o que temos desses escritos originais? Nada. Os manuscritos originais se foram (embora, sem dúvida, toda semana estudiosos da Bíblia sintonizem no programa de TV *Antiques Roadshow* esperando que um manuscrito seja descoberto).

Ainda assim, o Novo Testamento não está sozinho nesse destino; nenhum outro documento comparável da

história antiga continua existindo atualmente. Os historiadores não são incomodados pela falta de manuscritos originais, uma vez que têm cópias confiáveis para examinar. Mas existem cópias antigas do Novo Testamento disponíveis e, se existem, elas são fiéis aos originais? Conforme o número de igrejas se multiplicava, centenas de cópias eram cuidadosamente feitas sob a supervisão dos líderes da igreja. Cada carta foi meticulosamente escrita à tinta em pergaminho ou papiro. E assim, atualmente, estudiosos podem examinar as cópias sobreviventes (e as cópias das cópias, e as cópias das cópias das cópias—você entendeu) para determinar a autenticidade e chegar muito perto dos documentos originais. De fato, os acadêmicos que estudam literatura antiga desenvolveram a ciência da crítica textual para examinar documentos como A Odisseia, comparando-os a outros documentos antigos para determinar sua precisão. Mais recentemente, o historiador militar Charles Sanders ampliou a crítica textual desenvolvendo um teste dividido em três partes que analisa não apenas a fidelidade da cópia, mas também a credibilidade dos autores. Os testes são:

1. O teste bibliográfico
2. O teste da evidência interna
3. O teste da evidência externa

Vamos ver o que acontece quando aplicamos esses testes aos primeiros manuscritos do Novo Testamento.

Teste bibliográfico

Este teste compara um documento a outros documentos históricos antigos do mesmo período. Ele questiona:

Quantas cópias do documento original existem?

Quanto tempo se passou entre os escritos originais e as primeiras cópias?

Como um documento se compara a outros documentos históricos antigos?

Imagine se tivéssemos apenas duas ou três cópias dos manuscritos originais do Novo Testamento. A amostragem seria tão pequena que não poderíamos confirmar sua precisão. Por outro lado, se temos centenas ou até mesmos milhares de cópias, podemos facilmente disseminar erros de documentos mal transmitidos. Então, como o Novo Testamento se compara a outros escritos antigos considerando-se o número de cópias e o intervalo em relação aos originais? Atualmente, existem mais de 5000 manuscritos do Novo Testamento no idioma grego original. Quando contamos traduções para outros idiomas, o número é espantoso: 24.000 — datadas dos séculos II a IV. Compare isso ao segundo manuscrito histórico antigo mais bem documentado, a *Ilíada* de Homero, com 643 cópias. E lembre-se de que a maioria dos trabalhos históricos antigos têm muito menos cópias existentes do que esse (geralmente, menos de 10). O estudioso do Novo Testamento Bruce Metzger ressalta: “Em contraste com esses números [de outros manuscritos antigos], a crítica textual do Novo Testamento é dificultada pela integridade do material”.

Intervalo de tempo

Não apenas o número de manuscritos é significativo, mas também o intervalo de tempo transcorrido entre quando o original foi escrito e a data da cópia. Ao longo de mil anos de cópias, não é possível dizer no quê um texto poderia se transformar. Mas quando se trata de cem anos, a história é diferente.

O crítico alemão Ferdinand Christian Baur (1792–1860) certa vez afirmou que o Evangelho de João não havia sido escrito por volta de 160 d.C. e, portanto, não poderia ter sido escrito por João. Isso, se for verdade, não questionaria apenas os escritos de João, mas também lançaria suspeita sobre todo o Novo Testamento. Mas então, quando um

esconderijo dos fragmentos em papiro do Novo Testamento foi descoberto no Egito, no meio estava um fragmento do Evangelho de João (especificamente, P52: João 18:31-33) datado de aproximadamente 25 anos depois que João havia escrito o original.

Metzger explicou que, “assim como Robinson Crusoe, que viu uma única pegada na areia e concluiu que havia outro ser humano, com dois pés, presente na ilha junto com ele, o fragmento P52 prova a existência e o uso do Quarto Evangelho durante a primeira metade do século II em uma província ao longo do Nilo, muito afastada do local de escrita tradicional (Éfeso, na Ásia Menor).” Achado após achado, a arqueologia desvendou cópias de grandes partes do Novo Testamento, datadas de até 150 anos após os originais.

Muitos outros documentos antigos têm intervalos de 400 a 1400 anos. Por exemplo, a Poética de Aristóteles foi escrita por volta de 343 a.C., e a primeira cópia é datada de 1100 d.C., sendo que existem apenas cinco cópias.

E, ainda assim, ninguém sai em busca do histórico Platão, afirmando que na verdade ele era um bombeiro, e não um filósofo.

De fato, existe um corpo quase completo da Bíblia chamado Codex Vaticanus, que foi escrito somente cerca de 250 a 300 anos depois da escrita original dos apóstolos. O corpo completo mais antigo conhecido do Novo Testamento, em um manuscrito uncial antigo, é chamado Codex Sinaiticus que, agora, está guardado no Museu Britânico.

Assim como o Codex Vaticanus, ele é datado do século IV.

Voltando ao início da história cristã, o Vaticanus e o Sinaiticus são como outros manuscritos bíblicos no sentido em que diferem minimamente um do outro e nos oferecem uma imagem muito boa do que os documentos originais devem ter dito.

Até mesmo o crítico acadêmico John A. T. Robinson admitiu que “a integridade dos manuscritos e, acima de tudo, o curto

intervalo entre a escrita original e as primeiras cópias existentes, tornam o Novo Testamento de longe o texto mais certificado de qualquer escrito antigo no mundo.” O professor de Direito John Warwick Montgomery afirmou que “ser cético em relação ao texto resultante dos livros do Novo Testamento é permitir que toda a antiguidade clássica deslize para a obscuridade, já que nenhum documento do período antigo é tão bemconfirmado bibliograficamente como o Novo Testamento.”

A questão é: Se os registros do Novo Testamento foram feitos e circulados tão próximos aos eventos reais, é muito mais provável que o seu retrato de Jesus seja preciso. Mas a evidência externa não é a única forma de responder à dúvida sobre a confiabilidade; estudiosos também usam a evidência interna para responder a essa pergunta.

A descoberta do Codex Sinaiticus

Em 1844, o estudioso alemão Constantine Tischendorf estava procurando manuscritos do Novo Testamento.

Acidentalmente, ele percebeu um cesto cheio de páginas velhas na biblioteca do monastério de Santa Catarina, no Monte Sinai. O estudioso alemão ficou eufórico e chocado. Ele nunca havia visto manuscritos gregos tão antigos. Tischendorf perguntou ao bibliotecário sobre os papéis e ficou surpreso ao descobrir que as páginas haviam sido descartadas para serem usadas como combustível. Dois cestos daqueles papéis já haviam sido queimados!

O entusiasmo de Tischendorf deixou os monges desconfiados, e eles não quiseram lhe mostrar outros manuscritos. No entanto, eles deixaram que Tischendorf levasse as 43 páginas que havia descoberto.

Quinze anos depois, Tischendorf voltou ao monastério de Sinai, desta vez com a ajuda do Czar russo Alexandre II. Uma vez lá,

um monge levou Tischendorf até seu quarto e lhe mostrou um manuscrito envolto em tecido que havia sido armazenado em uma prateleira com xícaras e louças. Tischendorf imediatamente reconheceu as valiosas partes restantes dos manuscritos que havia visto anteriormente. O monastério aceitou dar o manuscrito como presente ao czar russo, como protetor da igreja grega. Em 1933, a União Soviética vendeu o manuscrito ao Museu Britânico por £100.000.

O Codex Sinaiticus é um dos primeiros manuscritos completos do Novo Testamento que temos, e está entre os mais importantes. Alguns especulam que ele é uma das 50 Bíblias que o imperador Constantino encomendou para a preparação de Eusébio no início do século IV. O Codex Sinaiticus tem sido um enorme auxílio para os estudiosos na verificação da precisão do Novo Testamento.

Teste de evidência interna

Assim como bons detetives, os historiadores verificam a confiabilidade observando pistas internas. Essas pistas revelam as motivações dos autores e sua disponibilidade para revelar detalhes e outros aspectos que podem ser verificados. As principais pistas internas que esses estudiosos usam para testar a confiabilidade são:

- consistência dos relatos das testemunhas oculares
- detalhes dos nomes, locais e eventos
- cartas para indivíduos ou grupos pequenos
- aspectos embaraçosos para os autores
- presença de material irrelevante ou não produtivo
- falta de material relevante

Vamos usar como exemplo o filme *Friday Night Lights*. O filme é supostamente baseado em eventos históricos mas, assim como em muitos filmes livremente baseados em fatos reais, você fica

constantemente perguntando “as coisas aconteceram assim mesmo?”

Então, como você determinaria sua confiabilidade histórica? Uma pista seria a presença de material irrelevante. No meio do filme, o técnico, sem motivo aparente, recebe uma chamada telefônica informando que sua mãe tem câncer no cérebro. O evento não tem relação com o enredo e nunca é mencionado novamente. A única explicação para a presença desse fato irrelevante seria que ele realmente ocorreu e que o diretor desejava ser historicamente preciso.

Outro exemplo do mesmo filme. Seguindo o fluxo dramático, queremos que o Permian Panthers vença o campeonato estadual. Mas eles não vencem. Isso parece não ser produtivo para o drama, e imediatamente descobrimos que o fato está lá porque, na vida real, o Permian perdeu o jogo. A presença de material não produtivo também é uma pista para a precisão histórica.

Por fim, o uso de cidades reais e pontos de referência familiares, como Houston Astrodome, nos leva a considerar como históricos esses elementos da história, porque eles são muito fáceis de corroborar ou de falsificar.

Existem poucos exemplos de como a evidência interna aproxima ou afasta a conclusão de que um documento é historicamente confiável. Analisaremos brevemente a evidência interna da historicidade do Novo Testamento. Diversos aspectos do Novo Testamento nos ajudam a determinar sua historicidade com base em seu próprio conteúdo e qualidades.

Consistência

Documentos inexatos ou deixam de fora relatos de testemunhas oculares ou são inconsistentes. Por isso, claras contradições entre os Evangelhos provariam que eles contêm erros. Mas, ao mesmo tempo, se todo Evangelho dissesse

exatamente a mesma coisa, isso levantaria suspeitas de conspiração. Seria como conspiradores tentando concordar em cada detalhe de um esquema. O excesso de consistência é tão duvidoso quanto a falta.

Testemunhas oculares de um crime ou incidente geralmente percebem corretamente os eventos significativos, mas os veem a partir de perspectivas diferentes. Da mesma forma, os quatro Evangelhos descrevem os eventos da vida de Jesus de diferentes perspectivas. Ainda assim, independentemente dessas perspectivas, estudiosos da Bíblia se surpreendem com a consistência dos relatos e com a clara imagem de Jesus e de seus ensinamentos que esses relatos complementares compõem.

Detalhes

Historiadores adoram detalhes em um documento porque eles facilitam a verificação da confiabilidade. As cartas de Paulo são repletas de detalhes. E os Evangelhos estão cheios deles. Por exemplo, tanto o Evangelho de Lucas como o seu Livro de Atos foram escritos para um nobre chamado Teófilo, que era sem dúvida um indivíduo muito conhecido na época. Se esses escritos tivessem sido meras invenções dos apóstolos, a inexatidão de nomes, locais e eventos teria rapidamente sido apontada por seus inimigos, como os líderes judeus e romanos. Isso teria sido o escândalo de Watergate do século I. Além disso, muitos detalhes do Novo Testamento foram confirmados por verificações independentes. O historiador clássico Colin Hemer, por exemplo, “identifica 84 fatos nos últimos 16 capítulos dos Atos que foram confirmados por pesquisa arqueológica”.

Nos séculos anteriores, estudiosos céticos da Bíblia questionaram a autoria de Lucas e sua datação, afirmando que os escritos eram do século II e de um autor desconhecido. O arqueólogo Sir William Ramsey estava convencido de que

estavam certos e começou a investigar. Após uma extensa pesquisa, o arqueólogo mudou sua opinião. Ramsey cedeu: “Lucas é um historiador de primeira classe. ... Este autor pode ser colocado entre os grandes historiadores. ... A história de Lucas goza de respeito e confiabilidade insuperáveis”. Os Atos contam as viagens missionárias de Paulo, listando os locais que ele visitou, as pessoas que viu, as mensagens que transmitiu e a perseguição que sofreu. Seria possível falsificar todos esses detalhes? O historiador romano A. N. Sherwin-White escreveu que “a confirmação da historicidade dos Atos é claríssima. ... A partir de agora, qualquer tentativa de rejeitar sua historicidade básica será um absurdo. Os historiadores romanos já haviam aceitado isso como fato há muito tempo”. Dos relatos do Evangelho até as cartas de Paulo, os autores do Novo Testamento descreveram abertamente detalhes, chegando a citar nomes de indivíduos que viveram na época. Os historiadores confirmaram pelo menos 30 desses nomes.

Cartas para grupos pequenos

A maioria dos textos forjados é de documentos de natureza geral e pública, como este artigo de revista (sem dúvidas, incontáveis falsificações já estão circulando no mercado negro). O especialista em História Louis Gottschalk observa que cartas pessoais destinadas a públicos pequenos têm alta probabilidade de serem confiáveis. Em qual categoria os documentos do Novo Testamento se encaixam? Bem, alguns deles tinham claramente a finalidade de serem amplamente distribuídos. Ainda assim, grandes partes do Novo Testamento consistem em cartas pessoais escritas para pequenos grupos e indivíduos. Esses documentos, no mínimo, não seriam considerados grandes candidatos à falsificação.

Aspectos embaraçosos

A maioria dos escritores não quer ser constrangido em público. Por isso, os historiadores têm observado que documentos contendo revelações embaraçosas sobre os autores geralmente são confiáveis. O que os autores do Novo Testamento disseram sobre si mesmos? Surpreendentemente, todos os autores do Novo Testamento se apresentavam como frequentemente tolos, covardes e descrentes. Por exemplo, considere a tripla negação de Pedro a Jesus ou a discussão dos discípulos sobre qual deles era o melhor—ambas as histórias registradas nos Evangelhos. Uma vez que o respeito aos apóstolos era crucial na igreja primitiva, a inclusão desse tipo de material não indica outra coisa, senão que os apóstolos eram verdadeiros em seus relatos. Em “A História da Civilização”, Will Durant escreveu sobre os apóstolos, “esses homens dificilmente eram do tipo que seria escolhido para remodelar o mundo. Os Evangelhos diferenciavam seus caracteres de forma realista, e expunham abertamente suas falhas”.

Material não produtivo ou irrelevante

Os Evangelhos nos contam que a tumba vazia de Jesus foi descoberta por uma mulher embora, em Israel, o testemunho de mulheres fosse considerado praticamente sem valor e não fosse nem mesmo admitido em julgamentos. Existem registros de que a mãe e a família de Jesus acreditavam que ele havia perdido a razão. Diz-se que algumas das últimas palavras de Jesus na cruz foram “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” E por aí vai a lista de incidentes registrados no Novo Testamento que não seriam produtivos se a intenção do autor fosse algo diferente da transmissão precisa da vida e dos ensinamentos de Jesus Cristo.

Falta de material relevante

É irônico (e talvez lógico) que alguns dos maiores problemas enfrentados pela igreja do primeiro século — missões em gentios, dádivas espirituais, batismo, liderança — tenham sido abordados diretamente nas palavras registradas de Jesus. Se seus seguidores estivessem simplesmente gerando o material para incentivar o crescimento da igreja, não seria possível explicar por que eles não teriam forjado instruções de Jesus sobre essas questões. Em um caso, o apóstolo Paulo afirmou claramente sobre um determinado assunto “Sobre isto não temos ensinamento do Senhor”.

Teste de evidência externa

A terceira e última medida da confiabilidade de um documento é o teste de evidência externa, que questiona: “os registros históricos externos ao Novo Testamento confirmam sua confiabilidade?” Portanto, o que os historiadores não cristãos dizem sobre Jesus Cristo?

“De forma geral, pelo menos 17 escritos não cristãos registram mais de 50 detalhes relacionados à vida, aos ensinamentos, à morte e à ressurreição de Jesus, além de detalhes relativos à igreja primitiva.” Isso é impressionante, considerando a falta de outros dados históricos deste período. Jesus é mencionado por mais fontes do que as conquistas de César durante o mesmo período. O que impressiona ainda mais é o fato de que essas confirmações dos detalhes do Novo Testamento datam de 20 a 150 anos depois de Cristo, “o que é bastante cedo, considerando os padrões da historiografia antiga”.

A confiabilidade do Novo Testamento é adicionalmente embasada por mais de 36 mil documentos cristão fora da Bíblia (citações de líderes da igreja dos primeiros três séculos) datados de 10 anos após o último escrito do Novo

Testamento). Se todas as cópias do Novo Testamento fossem perdidas, seria possível reproduzi-las a partir dessas outras cartas e documentos, com exceção de alguns poucos versos: exatamente 11 versículos!

O professor emérito da Boston University, Howard Clark Kee, conclui que “o resultado da avaliação das fontes externas ao Novo Testamento relacionadas... ao nosso conhecimento de Jesus confirma sua existência histórica, seus poderes incomuns, sua devoção aos seus seguidores, a continuação da existência do movimento após sua morte... e a penetração do Cristianismo na própria Roma no final do primeiro século”.

Assim, o teste de evidência externa se soma às evidências fornecidas pelos outros testes. Apesar da suposição de alguns céticos radicais, o retrato que o Novo Testamento oferece do Jesus Cristo real é praticamente à prova de máculas. Embora haja alguns dissidentes, como o Seminário de Investigação sobre Jesus, o consenso dos especialistas, independentemente de suas crenças religiosas, confirma que o Novo Testamento que lemos hoje representa fielmente tanto as palavras como os eventos da vida de Jesus.

Clark Pinnock, professor de interpretação no McMaster Divinity College, resumiu bem ao dizer: “não existe nenhum documento do mundo antigo testemunhado por um conjunto de depoimentos textuais e históricos tão excelentes (...) Uma pessoa honesta não pode desconsiderar uma fonte desse tipo. O ceticismo relacionado às credenciais históricas do Cristianismo tem uma base irracional”.

Jesus voltou mesmo dos mortos?

A grande questão do nosso tempo é “quem é o verdadeiro Jesus Cristo”? Ele foi somente um homem excepcional ou ele era mesmo Deus feito carne, como Paulo, João e os outros discípulos acreditavam?

As testemunhas de Jesus Cristo realmente falaram e agiram como se acreditassem que ele fisicamente se ergueu dentre os mortos após sua crucificação. Se eles estivessem errados, o Cristianismo teria se baseado em uma mentira. Mas se estivessem certos, tal milagre confirmaria tudo o que Jesus disse sobre Deus, sobre si mesmo e sobre nós. Devemos aceitar a ressurreição de Jesus Cristo somente pela fé ou existe evidência histórica sólida? Muitos cétricos começaram investigações sobre os registros históricos para provar que os registros da ressurreição são falsos. O que eles descobriram?

Clique aqui para ver as evidências da declaração mais fantástica feita—a ressurreição de Jesus Cristo!

Jesus disse o que acontece após a morte?

Se Jesus realmente voltou dos mortos, ele deve saber o que está do outro lado. O que Jesus disse sobre o significado da vida e sobre nosso futuro? Existem vários caminhos para Deus ou Jesus afirmou ser o único? Leia as respostas iniciais em “Por que Jesus?”

Clique aqui para ler “Por que Jesus?” e descobrir o Jesus pode trazer significado para a vida?

“Por que Jesus?” aborda a questão de se Jesus é relevante nos dias de hoje. Jesus pode responder as grandes questões da vida: “Quem sou eu?” “Por que estou aqui?” E, “Para onde estou indo?” Catedrais vazias e crucifixos nos levam a pensar que Ele não nos pode responder, e que Jesus nos deixou a mercê de um mundo fora de controle. Mas Jesus fez afirmações acerca da vida e do propósito aqui na terra, que necessitam ser examinadas antes que se escreva algo que fale de alguma espécie de impotência da Sua parte. Este artigo examina o mistério do porquê de Jesus ter vindo à terra..

A HISTORICIDADE DOS EVANGELHOS II

Faz muito tempo que deixei o seminário beneditino. Minha experiência sacerdotal no Mosteiro de São Bento aconteceu quando eu tinha apenas 19 anos de idade. Devido à prevaricação de meu tutor espiritual, um monge com graduação em Direito, em Filosofia e em Teologia (com especialização em Filosofia e Teologia Tomistas), saí da vida monacal decepcionado, frustrado, revoltado. Disposto a achar outra doutrina que satisfizesse meus anseios espirituais, que não fosse o Cristianismo. Pesquisei durante 8 anos. Li tudo que falava de religião, filosofia, teologia e semelhantes assuntos, procurando uma alternativa para o Cristianismo, que me havia deixado nas mãos de um pedófilo. Não encontrei, por mais que eu procurasse, nada semelhante em consistência e veracidade interna e externa. Após minhas pesquisas de 8 anos (leituras, estudos, debates) eu continuava cristão: não tinha como substituir a “velha” religião dos meus pais por outra.

Nesse período conturbado, impressionou-me o Evangelho de Jesus Cristo. Digo “o Evangelho”, porque aprendi no seminário que as 4 versões da biografia de Jesus é chamada de “o Evangelho quadriforme”. Não há nenhum outro livro da Bíblia que se compare ao Evangelho. “Toda a Bíblia é inspirada”, diz São Paulo. Sim, é. Mas nada se compara ao Evangelho. A mensagem de Jesus tal como nos foi transmitida pelos seus Apóstolos tem uma força, uma autoridade, um poder que se justifica tão somente pela divindade do Seu verdadeiro escritor. Porque o escritor do Evangelho é Jesus Cristo. Ele utiliza os Apóstolos e discípulos, porém, indiscutivelmente, Ele é o autor.

Muitas versões da Vida de Jesus foram escritas. Porém não há nenhum desacordo nas mais de duas mil igrejas cristãs sobre a aceitação unicamente do Evangelho Quadriforme: Mateus, Marcos, Lucas e João. Isto é impressionante se levarmos em conta que as diversas correntes do cristianismo divergem sobre praticamente tudo, menos sobre a autoridade dos livros canônicos, rejeitando quaisquer outros.

No entanto, há mais de cem versões não aceitas pelas igrejas cristãs da vida de Jesus. São chamadas de “obras apócrifas”, quer dizer, que não estão à disposição dos leitores. Apócrifo é isto: “o que não está disponível para os leitores.

Muitos Apócrifos nos ajudam a compreender o tempo e os costumes da época em que viveram Jesus ou os Apóstolos, outros, lançam enorme confusão sobre os textos sagrados de Mateus, Marcos, Lucas e João. São famosos os evangelhos apócrifos que falam da vida amorosa supostamente vivida por Jesus com Maria Madalena. Também há muito apócrifos que falam da infância do Mestre.

Nenhum dos apócrifos, contudo, merece credibilidade. São posteriores ou pertencem ao séc. III, enquanto os canônicos são do séc. I. Não foram escritos por quem se diz serem seus autores, como por exemplo, “O Testamento de Judas” (do séc. VI). O “Evangelho de Tomé” goza da preferência dos que pretendem ombrear os canônicos com os apócrifos.

Nos tempos passados a Igreja Católica punha alguns apócrifos junto com os textos canônicos, para comparação e apreciação dos leitores, atualmente se abandonou essa prática. O que vamos ler é um panorama geral dos apócrifos, sua análise, um exame atento e científico do seu real valor. Boa leitura!

Os evangelhos gnósticos

Eles são a verdadeira história de Jesus?

Existem textos secretos sobre Jesus?

Em 1945, foi feita uma descoberta no norte do Egito, próximo à cidade de Nag Hammadi. Cinquenta e duas cópias de textos antigos, chamados de evangelhos gnósticos, foram encontradas em 13 códices de papiro envoltos em couro (livros escritos à mão). Eles foram escritos em copta e pertenciam a uma biblioteca de um monastério. Alguns estudiosos gnósticos chegaram até a afirmar que esses textos recentemente descobertos são a história verdadeira de Jesus em vez do Novo Testamento. Mas será que a fé deles nesses documentos bate com as evidências históricas? Vamos olhar com mais detalhes para ver se conseguimos separar a verdade da ficção.

“Conhecedores” Secretos

Os evangelhos gnósticos foram atribuídos a um grupo conhecido como (para nossa surpresa) os Gnósticos. Seu nome vem da palavra grega gnosis que significa “conhecimento”. Essas pessoas pensavam ter conhecimentos secretos e especiais, ocultos das pessoas comuns. Com a propagação do cristianismo, os Gnósticos combinaram algumas doutrinas e elementos do cristianismo com suas próprias crenças, transformando o Gnosticismo em uma simulação. Talvez tenham feito isto para aumentar o número de fiéis e tornar Jesus um garoto-propaganda para sua causa. Contudo, para que sua linha de pensamento fosse compatível com o

cristianismo, Jesus precisava ser reinventado, retirando sua humanidade e sua divindade absoluta.

Em “A História do Cristianismo” de Oxford, John McManners escreveu sobre a mistura de cristianismo e crenças míticas dos gnósticos. O gnosticismo foi (e ainda é) uma teosofia com muitos ingredientes. Ocultismo e misticismo oriental combinam-se com astrologia e mágica. ... Eles integram os ensinamentos de Jesus e acomodam-nos em sua própria interpretação (como no Evangelho de Tomás ou de Tomé), oferecendo aos seus membros uma forma alternativa ou rival de cristianismo.

Primeiros Críticos

Uma pequena linha filosófica gnóstica já crescia no primeiro século, apenas décadas depois da morte de Jesus. Os apóstolos, em seus ensinamentos e escritos, condenaram fortemente essas crenças como opostas à verdade de Jesus, de quem foram testemunha. Veja, por exemplo, o que o apóstolo João escreveu perto do fim do primeiro século:

“Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? É o anticristo, esse mesmo que nega o Pai e o Filho”. (1 João 2:22, NVI).

Policarpo, bispo de Esmirna e sucessor do Apóstolo João, ao encontrar o chefe da gnose, Marcião, seu contemporâneo, chamou-o de “O Filho Predileto de Satanás”, devido à oposição que este gnóstico fazia à Igreja de Cristo.

Seguindo os ensinamentos dos apóstolos, os líderes da igreja primitiva condenam unanimemente os gnósticos como um culto. O padre Irineu, bispo de Lião, discípulo de Policarpo, escrevendo 140 anos antes do Concílio de Niceia, confirmou que os gnósticos eram condenados pela igreja como hereges. Ele também rejeitou seus “evangelhos”. Porém, com relação aos quatro evangelhos do Novo Testamento, ele diz: “Não é possível que os evangelhos sejam em quantidade maior o menor do que são”. O teólogo cristão Orígenes

escreveu no início do terceiro século mais de cem anos antes de Niceia:

“Conheço um certo evangelho chamado “O Evangelho segundo Tomás” e um “Evangelho segundo Matias” e muitos outros que li, já que não devemos ser considerados de nenhuma maneira ignorantes pelos que imaginam ter algum conhecimento sobre esses livros. Contudo, dentre todos esses, aprovamos somente os reconhecidos pela igreja, que são os únicos quatro evangelhos que devem ser aceitos”.

Autores Misteriosos

Com relação aos evangelhos gnósticos, cada livro leva o nome de uma personagem do Novo Testamento: O Evangelho de Filipe, o Evangelho de Pedro, o Evangelho de Maria e assim em diante. Mas será que eles foram mesmo escritos por seus supostos autores? Vamos dar uma olhada. Os evangelhos gnósticos são datados de 110 a 300 anos depois de Cristo e nenhum acadêmico crível acredita que algum deles poderia ter sido escrito por seus homônimos. No abrangente “A Biblioteca de Nag Hammadi”, de James M. Robinson, vemos que os evangelhos gnósticos foram escritos por “autores desconhecidos e independentes”. O estudioso do Novo Testamento Norman Geisler escreve: “Os escritos gnósticos não foram escritos pelos apóstolos, mas por homens do século dois (ou posterior) com intenções de usar a autoridade apostólica para divulgar seus próprios ensinamentos. Nos dias de hoje chamamos isto de fraude e falsificação”.

Mistérios versus história

Os evangelhos gnósticos não são relatos históricos da vida de Jesus, mas sim declarações esotéricas, envoltas em mistério, que deixam de fora detalhes históricos como nomes, locais e eventos. Este é um contraste marcante com os evangelhos do Novo Testamento que contém diversos fatos históricos sobre a vida, ministério e palavras de Jesus. Em quem você preferiria acreditar: em alguém que diz “ei, tenho alguns fatos secretos que foram revelados pra mim misteriosamente”, ou em alguém que diz “pesquisei todas as

evidências e a história e aqui estão elas para que você possa formar sua opinião”? Mantendo esta pergunta em mente, considere as duas afirmações a seguir, a primeira do Evangelho Gnóstico de Tomé (cerca de 110 a 150 d. c.) e a segunda do Evangelho de Lucas do Novo Testamento (cerca de 55 a 70 d. c.):

- Esses são os ditos ocultos que o Jesus vivente falou e Judas Tomé, o gêmeo registrou.

- Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra. Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas (Lucas 1:1-4, NVI).

O fato crucial é que nos séculos I, II e III, ser cristão era correr risco de morrer no Coliseu Romano ou de outra maneira qualquer. Então os cristãos tinham todo o interesse em saber com toda a certeza se estavam pondo suas vidas em risco à-toa, ou se sua crença era realmente bem fundamentada. Defender os milagres, o nascimento extraordinário, a ressurreição ou a divindade de Jesus ofendia às autoridades daquele tempo de tal modo que os cristãos eram condenados à morte pavorosa e cruel. Por isso necessário se fazia ter toda a certeza de que quem falava de Jesus era realmente uma pessoa que tivesse autoridade para isto. Tal fato fez com que os Evangelhos Canônicos fossem distinguidos dos demais. Somente Mateus, Marcos, Lucas e João mereciam credibilidade a toda prova. Você gostou da abordagem aberta e direta de Lucas? E acha que o fato de ter sido escrito mais próximo dos eventos originais favorece sua confiabilidade? Se sua resposta é “sim”, também foi isso que a igreja antiga pensou. E a maioria dos estudiosos concorda com a visão da igreja antiga de que o Novo Testamento é a história autêntica de Jesus. O estudioso do Novo Testamento Raymond Brown disse dos evangelhos gnósticos: “não encontramos

nenhum novo fato verificável sobre o ministério de Jesus, apenas algumas novas declarações que podem ter sido dele”. Portanto, mesmo que os textos gnósticos tenham impressionado alguns estudiosos, sua data tardia e autoria questionável não se comparam ao Novo Testamento. Tal contraste entre o Novo Testamento e os textos gnósticos é devastante para os que apoiam teorias de conspiração nos Evangelhos canônicos. O historiador do Novo Testamento F. Bruce escreveu: “não há obra de literatura antiga no mundo que goze de tamanha riqueza de comprovação textual do que o Novo Testamento”.

Jesus voltou mesmo dos mortos?

A grande questão do nosso tempo é “quem é o verdadeiro Jesus Cristo”? Ele foi somente um homem excepcional ou ele era mesmo Deus feito carne como Paulo, João e os outros discípulos acreditavam?

As testemunhas de Jesus Cristo realmente falaram e agiram como se acreditassem que ele fisicamente se ergueu dentre os mortos após sua crucificação. Se eles estivessem errados, o cristianismo teria se baseado em uma mentira. Mas se estivessem certos, tal milagre confirmaria tudo o que Jesus disse sobre Deus, sobre si mesmo e sobre nós.

Devemos aceitar a ressurreição de Jesus Cristo somente pela fé ou existe evidência histórica sólida? Muitos cétricos começaram investigações sobre os registros históricos para provar que os registros da ressurreição são falsos. O que eles descobriram? Houve mesmo uma Conspiração “Da Vinci”?

“O sorriso da Mona Lisa” instiga a maior teoria de conspiração do mundo sobre Jesus Cristo.

Jesus e Maria Madalena casaram-se?

Constantino ordenou a destruição dos verdadeiros registros de Jesus Cristo para reinventá-lo como o Deus que os cristãos

idolatraram hoje em dia? Se Jesus realmente voltou dos mortos, ele deve saber o que está do outro lado. O que Jesus disse sobre o significado da vida e sobre nosso futuro? Existem várias maneiras de chegar a Deus ou Jesus afirmou ser a única? Leia as respostas em "Por que Jesus?"

"Por que Jesus?" aborda a questão de se Jesus é relevante nos dias de hoje. Jesus pode responder às grandes questões da vida: "Quem sou eu?" "Por que estou aqui?" E "Para onde estou indo?"

Jesus disse declarações sobre a vida e nosso propósito aqui na Terra que precisam ser examinadas antes de ignorarmos como indiferente ou impotente. Este artigo examina o mistério de porque Jesus veio para a Terra.

Permissão para a reprodução deste artigo: O autor permite a reprodução deste material sem necessidade de aprovação escrita, apenas na sua totalidade e para fins não lucrativos. Nenhuma parte deste material pode ser alterada ou usada fora do seu contexto, sem a permissão escrita do autor. Cópias impressas das revistas Y-Origins e Y-Jesus podem ser encomendadas em: www.JesusOnline.com/product_page.

© 2010 B&L Publications. Este artigo é um suplemento da revista Y-Jesus pela Bright Media Foundation & B&L Publications: Larry Chapman, Editor Chefe. Para outros artigos que abordam as evidências sobre Jesus Cristo, veja www.y-jesus.com.

A HISTORICIDADE DOS EVANGELHOS III

O QUE ACONTECE QUANDO SUBMETEMOS À ANÁLISE RIGOROSA UM APÓCRIFO?

É O QUE VAMOS AGORA DEMONSTRAR.

O evangelho de Barnabé

Uma bíblia secreta?

Será que uma “Bíblia secreta” descoberta em uma operação de contrabando turca contém a verdade real sobre a identidade de Jesus Cristo? De acordo com um oficial turco, um texto envolto em couro de 1.500 anos, oculto secretamente por 12 anos, poderia ser a versão autêntica do Evangelho de Barnabé.

*Blogs muçulmanos estão enlouquecendo com as notícias da descoberta. De acordo com alguns estudiosos islâmicos, **o Evangelho de Barnabé foi “ocultado pela igreja cristã por conter fortes paralelos com a visão muçulmana de Jesus”**. Refletindo essa crença muçulmana, uma pesquisa do site islâmico revela que mais da metade dos leitores acreditam que **o Evangelho de Barnabé é o verdadeiro Evangelho de Jesus. O autor muçulmano Muhammad Ata ur-Rahim declara: “O Evangelho de Barnabé é o único evangelho remanescente escrito por um discípulo de Jesus...”. Rahim afirma que o evangelho circulou amplamente na igreja primitiva até 325 d.C.***

Primeiras Contradições

De acordo com esta “Bíblia secreta”, Barnabé foi um dos doze apóstolos originais de Jesus. Contudo, no livro de Atos, Lucas apresenta Barnabé como um apóstolo que veio depois dos doze originais, e um colega missionário do apóstolo Paulo (LEMBRAMOS QUE O EVANGELHO DE LUCAS E OS ATOS DOS APÓSTOLOS, QUE ELE TAMBÉM ESCREVEU, TEM O AVAL DOS PERITOS COMO OS ESCRITOS MAIS CIENTIFICAMENTE PRODUZIDOS NO NOVO TESTAMENTO).

Um Jesus diferente?

Em suas viagens, Paulo e Barnabé declararam firmemente a morte, ressurreição e Senhorio de Jesus no primeiro século.

*Apesar de o documento chamado Evangelho de Barnabé conter a maior parte das mesmas informações contidas nos evangelhos do Novo Testamento, ele difere profundamente com relação à identidade de Jesus Cristo. **Essas são algumas das diferenças significativas no Evangelho de Barnabé:***

- 1. Nega a divindade de Jesus**
- 2. Rejeita a trindade**
- 3. Nega a crucificação de Jesus**
- 4. Nega Jesus como messias (essa visão não está de acordo com a do Alcorão)**

O antigo manuscrito turco diverge dos ensinamentos do Alcorão chamando Maomé de messias em vez de Jesus. Ademais, como no Alcorão, o Evangelho de Barnabé apresenta Jesus como um mero mortal. Nele, Jesus supostamente diz:

“Confesso perante os céus e tenho como testemunha tudo o que habita a terra, que estou alheio àquilo que os homens falam de mim, dizendo que sou mais que um homem. Pois eu sou um homem, nascido de uma mulher e sujeito ao julgamento de Deus, que vive aqui como qualquer outro homem, sujeito aos mesmos tormentos”.

Claramente o Evangelho de Barnabé mostra Jesus negando sua divindade, enquanto o apóstolo João nitidamente escreve de Jesus como Deus Filho, Criador do mundo:

“No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava com Deus no princípio. Através dele todas as coisas são criadas, sem ele nada pode ser feito. ... E o Verbo se tornou carne e veio habitar entre nós. Nós vimos sua glória, glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (João I,1 e ss).

Quem é o Jesus real?

Nesta passagem, João declara que realmente viu Jesus. Posteriormente ele nos conta que o tocou, viajou com ele e ouviu seus ensinamentos por três anos. Ele fala de Jesus como um amigo. Mas o autor do Evangelho de Barnabé não faz tais declarações.

Ambos as escrituras também divergem quanto à crucificação de Jesus. O Evangelho de Barnabé apresenta Judas Iscariotes como aquele que morreu na cruz no lugar de Jesus, enquanto que no Novo Testamento, Judas traiu Jesus.

Ao contrário do ensinamento islâmico de que a morte de Jesus na cruz nunca ocorreu e teria sido desnecessária, toda a mensagem cristã baseia-se na morte de Jesus como o Redentor dos nossos pecados e sua ressurreição como esperança de vida eterna .(JESUS DISSE QUE QUANDO FOSSE ELEVADO DA TERRA, NA CRUZ, ATRAIRIA A SI TODOS OS HOMENS [JO. 12,32] E O TEXTO ACRESCENTA QUE NESSA DECLARAÇÃO JESUS TAMBÉM QUIS PREDIZER O TIPO DE MORTE QUE SOFRERIA: A CRUCIFICAÇÃO. ISTO É UM MISTÉRIO DA FÉ CRISTÃ: A CRUCIFICAÇÃO DE JESUS CRIA UMA LIGAÇÃO MENTAL ENTRE JESUS E TODOS OS SERES HUMANOS. ORA, SEM A CRUCIFICAÇÃO ISTO NÃO OCORRERIA!).

Ambas as mensagens não podem ser verdadeiras, pois se contradizem. Então como sabemos qual Jesus é real?

Apesar de estudiosos usarem vários testes para determinar a confiabilidade de um manuscrito, o mais importante é se este é ou não um relato de uma testemunha ocular. Em um tribunal de júri, uma testemunha ocular é sempre considerada superior ao testemunho de alguém que não presenciou o crime.

Podemos saber se o Evangelho de João ou o Evangelho de Barnabé são relatos de uma testemunha ocular?

Uma das razões de os estudiosos citarem a autoria de João é o fato de **os historiadores da igreja primitiva atribuírem-lhe a escritura do evangelho**. Mas para ter sido escrito por ele, deve tê-lo sido durante a vida de João.

Se houver evidências de o evangelho ter sido escrito após o início do segundo século, quando João já estava morto, este não poderia ter sido escrito por ele.

Da mesma maneira, **se o Evangelho de Barnabé foi escrito após a vida de Barnabé, ele não poderia ser um relato de uma testemunha ocular**. Contudo, se qualquer dos evangelhos puder ter suas origens rastreadas até o primeiro século, a probabilidade de serem confiáveis aumenta muito. Então, **o que as evidências mostram?**

Começemos pelo Evangelho de Barnabé.

O Evangelho de Barnabé é o relato de uma testemunha ocular?

A “Bíblia secreta” descoberta na Turquia é considerada uma cópia de quinze séculos de idade. Se isso for verdade, ela teria sido escrita de 400 a 500 anos após a morte e ressurreição de Jesus, quando as testemunhas oculares já estavam mortas. Mas, visto que é uma cópia, o original poderia ter sido escrito no início do primeiro século. Para descobrir, precisamos verificar os registros históricos das histórias cristã e muçulmana.

Existem somente dois manuscritos antigos do Evangelho de Barnabé, além do descoberto na Turquia: um manuscrito italiano datado do século XV ou XVI e uma cópia espanhola do mesmo período que foi perdida. **O texto recém-descoberto do manuscrito turco está em aramaico. Nenhuma dessas cópias está em grego, a língua em que escreveram Barnabé e os apóstolos, exceto Mateus, cujo original era em aramaico: todo o Novo Testamento está em grego.** Duas listas cristãs de trabalhos apócrifos, dos séculos V e VII, mencionam “um Evangelho de Barnabé.” Se estas referem-se ao mesmo evangelho, o texto teria sido escrito cerca de 400 a 500 anos depois de Cristo, ou antes. Mas isso ainda seria várias centenas de anos após o primeiro século.

Os “Atos de Barnabé”, um outro escrito, é um trabalho apócrifo do século V dirigido à igreja de Chipre, que é por vezes confundido com o Evangelho de Barnabé.

O único livro do primeiro século atribuído ao apóstolo Barnabé é a “Epístola de Barnabé”, que é uma escritura apócrifa, não incluída no Novo Testamento. Essa carta do primeiro século fala de Jesus como o Senhor crucificado e revivido. **Os estudiosos acreditam que foi escrito por Barnabé entre 70 e 90 d. c.** Mas, se Barnabé escreveu sobre Jesus como o Senhor no primeiro século na Epístola de Barnabé, por que teria escrito de Jesus como um mero profeta no Evangelho de Barnabé? **Por que escreveria dois relatos contraditórios sobre Jesus?**

A Epístola de Barnabé é aceita por estudiosos como um autêntico relato de Jesus do primeiro século, que está de acordo com o Novo Testamento. Contudo, o Evangelho de Barnabé é um livro completamente diferente com uma linha temporal diferente.

As seguintes evidências sugerem que o Evangelho de Barnabé não foi reconhecido como um evangelho do primeiro século pelos muçulmanos ou cristãos antigos:

- Nenhum escritor muçulmano faz referência a ele até o século XV ou XVI.
- Nenhum escritor cristão faz referência a ele desde o século I até o século XV.
- A referência mais antiga a ele é do século XV, mas isso ainda é duvidoso.
- Ele cita fatos históricos que ainda não iriam existir por centenas de anos.

Uma falsificação medieval?

A grande questão que não quer calar é: Por que não teriam os estudiosos muçulmanos escrito sobre o Evangelho de Barnabé, se este existisse quando ambos, muçulmanos e cristãos, debatiam acaloradamente sobre a identidade de Cristo, entre os séculos VII e XV? Não existe nenhuma menção desse trabalho.

Além disso, escritores cristãos (como Irineu – 130/145 d.C) escreveram extensivamente sobre documentos anticristãos, como os evangelhos gnósticos, classificando-os como hereges. Ainda assim, apesar das afirmações do escritor islâmico Rahim, nenhuma das cartas ou documentos de Irineu menciona o Evangelho de Barnabé. **Não existe simplesmente nenhuma menção dele por nenhum escritor cristão ou muçulmano antigo.**

Talvez a maior indicação de sua data tardia seja que **o Evangelho de Barnabé descreve a vida medieval na Europa ocidental, bem como um jubileu de 100 anos, que não foi declarado até o século XIV. Como Barnabé ou qualquer outro escritor do século I poderia saber tais detalhes históricos anos antes deles serem declarados?**

O Dr. Norman Geisler conclui: “As evidências de que esse não foi um evangelho do século I, escrito por um discípulo de Cristo, são esmagadoras”.

As evidências não só vão contra ele ter sido escrito por Barnabé no primeiro século, mas alguns estudiosos acreditam também que o evangelho é uma falsificação. Um especialista declara: “na minha opinião a pesquisa acadêmica provou completamente que esse ‘evangelho’ é falso”.

Estudiosos cristãos e seculares não estão sozinhos em seu veredito de que alguém alterou o texto, fazendo-o parecer de forma fraudulenta o trabalho do companheiro de Paulo, Barnabé. Essa opinião também é sustentada por diversos estudiosos muçulmanos. The Concise Encyclopedia of Islam afirma: “com relação ao Evangelho de Barnabé, não há dúvidas que se trata de uma falsificação medieval”.

Porém, como indicado anteriormente, **estudiosos muçulmanos também argumentam que a mensagem do Novo Testamento foi “corrompida” pela Igreja**, apresentando um Jesus diferente do que viveu na Galileia de 2 mil anos atrás. Isso nos leva à questão de sua confiabilidade. **Podemos descobrir o Jesus real através dessas páginas?**

O Novo Testamento é confiável?

Teriam os livros do Novo Testamento sido escritos cedo o suficiente para serem relatos de testemunhas oculares? Se sim, devem ter sido escritos durante o primeiro século. Examinemos as evidências e comparemos as datas do Novo Testamento com o que descobrimos sobre o Evangelho de Barnabé.

A história fornece pistas de três fontes primárias das datas de origem dos 27 livros do Novo Testamento:

1. Testemunhos de inimigos da igreja
2. Relatos cristãos antigos
3. Cópias de manuscritos antigos

Testemunho dos hereges

A primeira pista é uma lista parcial dos livros do Novo Testamento criada pelos inimigos da igreja chamados de hereges. Como párias da igreja, os hereges não precisariam concordar com os líderes da mesma sobre a autoria ou data do Novo Testamento. Ainda assim, **dois hereges antigos, Marcião e Valentim, de fato atribuíam as escrituras de vários livros do Novo Testamento e suas passagens aos apóstolos.**

1. Em 140 d.C., o herege Marcião listou 11 dos 27 livros do Novo Testamento como sendo os escritos autênticos dos apóstolos **(LEMBRO AQUI QUE MARCIÃO, MUITO CONTRIBUIU PARA A ELABORAÇÃO DOS LIVROS CANÔNICOS E DO CREDO, DEVIDO ÀS SUAS CRÍTICAS AO SISTEMA CATÓLICO NA SUA ÉPOCA) .**

2. Por volta da mesma época, outro herege, Valentim, faz menção a uma ampla variedade de temas do Novo Testamento e suas passagens.

Isso nos diz que em meados do século II, muitos livros do Novo Testamento já circulavam há algum tempo.

Mesmo “párias” hereges aceitavam essas narrativas do Novo Testamento como relatos do testemunho dos apóstolos.

Relatos cristãos antigos

Nossa segunda pista é o vasto número de cartas, sermões, comentários e crenças cristãs antigas que fazem referência a Jesus como o Senhor revivido. Eles aparecem a partir de cinco anos após sua crucificação. Apesar de muitas escrituras terem sido queimadas sob o edito do imperador romano Diocleciano, milhares sobreviveram.

O número de tais documentos é impressionante, **mais de 36 mil escrituras completas ou parciais foram descobertas, algumas até mesmo do primeiro século. Suas palavras poderiam praticamente reproduzir todo o Novo Testamento, com a exceção de poucos versos: 11 versículos!**

Como isso se compara com o Evangelho de Barnabé? Já notamos que existem apenas duas citações deste que são anteriores ao século XV, e há dúvidas de que essas referências sejam sobre o “Evangelho de Barnabé” em questão.

As escrituras mais antigas, fora do Novo Testamento, eram de homens que conheciam e seguiam Paulo, Pedro, João e os outros apóstolos. Esses líderes da igreja antiga não eram testemunhas oculares de Jesus, mas souberam dele através daqueles que realmente o viram e ouviram. De maneira significativa, suas escrituras confirmam muitos detalhes do Novo Testamento sobre Jesus, incluindo sua crucificação e ressurreição.

As mais importantes escrituras antigas, fora do Novo Testamento, são de Clemente Romano, Inácio de Antioquia e Policarpo de Esmirna.

Em 96 d. c., Clemente Romano escreveu uma longa carta para a igreja de Corinto na qual citou Mateus, João e 1 Coríntios. Alguns acreditam que ele é o Clemente mencionado por Paulo em Filipenses 4:3.

Visto que a carta de Clemente foi escrita em 96 d.C., esses três livros devem ter sido escritos antes disso.

Em cerca de 110 d.C., Inácio de Antioquia, um discípulo do apóstolo João, escreveu seis cartas a igrejas e uma a um colega bispo, Policarpo, nas quais faz referências a seis das cartas de Paulo.

Policarpo de Esmirna, outro discípulo do apóstolo João, coetâneo de Inácio de Antioquia, faz referência a todos os 27 livros do Novo Testamento em sua carta à igreja filipense (110 a 135 d.C.). **Portanto, os evangelhos devem ter existido durante o primeiro século enquanto algumas testemunhas (incluindo João) ainda estavam vivas.**

Não vemos tal referência antiga à existência do Evangelho de Barnabé.

Cópias de manuscritos antigos

Nossa terceira pista é a abundância de manuscritos antigos do Novo Testamento que ajudaram os estudiosos a determinar a data aproximada de sua composição original. **Arqueólogos descobriram mais de 5.600 cópias de manuscritos do Novo Testamento no idioma grego original, alguns livros completos e alguns fragmentos. Contando outros idiomas, existem mais de 24 mil.**

Claramente, 5.600 contra três é uma vantagem numérica enorme de manuscritos para o Novo Testamento. Além disso – e comparando-se ao período tardio do Evangelho de Barnabé – arqueólogos descobriram fragmentos do Novo Testamento que datam de uma a duas gerações depois de Cristo. **No início do século XX, um fragmento do Evangelho de**

João foi descoberto no Egito (especificamente P52: João 18:31-33) datando de 117 a 138 d.C. O renomado estudioso bíblico Bruce Metzger comentou a significância desta notável descoberta:

“Assim como Robinson Crusoe viu nada mais que uma única pegada na areia, e concluiu que um ser humano de dois pés estava presente na ilha com ele, o P52 [o título do fragmento] prova também a existência e o uso do Quarto Evangelho durante a primeira metade do século II...”.

A descoberta deste fragmento significa que uma geração depois de João ter escrito seu evangelho, uma cópia havia migrado da Ásia menor até o Egito.

Existem muitos outros manuscritos antigos datados da metade do século II até os séculos IV e V. Livros completos do Novo Testamento datam de 200 a 1500 d.C., e estão preservados em vários museus (Papiros de Bodmer).

Um fragmento de papiro ainda mais antigo, nos Manuscritos do Mar Morto (7Q5), foi identificado por um paleógrafo como uma parte do Evangelho de Marcos, datando de cerca de 50 d.C., significativamente antes do fragmento P52 de João.

O professor do Novo Testamento, Daniel B. Wallace, que estudou o fragmento dos Manuscritos do Mar Morto, concorda que este é do primeiro século. Apesar de haver discussões sobre este fragmento, as evidências coletivas de outros manuscritos apoiam fortemente um Novo Testamento escrito no primeiro século.

Consenso dos estudiosos

Antes dessas descobertas, importantes estudiosos alemães do final do século XIX e início do século XX argumentavam que o Novo Testamento havia sido escrito por autores desconhecidos no século II. Porém essa nova evidência revela que os livros foram todos escritos no primeiro século. O historiador Paul Johnson escreve:

“A noção do fim do século XIX e início do século XX de que o Novo Testamento era uma coleção de registros tardios e altamente imaginativos, não pode mais ser seriamente mantida”.

Ninguém duvida agora que as epístolas de São Paulo – os registros cristãos mais antigos – são autênticas ou datam-nas depois da década de 50 d.C.

O arqueólogo William Albright concluiu que todo o Novo Testamento foi escrito “muito provavelmente em algum momento entre 50 e 75 d.C.”.

*O estudioso de Cambridge John A. T. Robinson afirma datas ainda mais antigas. Ele acredita que a maior parte do Novo Testamento foi escrita entre 40 e 65 d.C. Robinson baseia sua conclusão primariamente no fato de todos os livros do Novo Testamento não mencionarem a destruição do Templo de Jerusalém. Um evento chave como esse com certeza seria mencionado por eles caso tivesse ocorrido antes de serem escritos **(NÃO É UM ARGUMENTO FORTE, POIS O EVANGELHO DE JOÃO, ESCRITO SEGURAMENTE DEPOIS DA DESTRUIÇÃO DO TEMPLO, NÃO MENCIONA TAL FATO).***

Outras evidências de uma data anterior são as mortes de Pedro e Paulo em 66 d.C., que não são mencionadas em nenhum livro. Há uma quantidade incrível de detalhes sobre suas vidas no Novo Testamento, por que não de suas mortes? Isso convence muitos estudiosos de que tais mortes não haviam ocorrido na época em que os textos foram escritos (**NOVAMENTE TEMOS DE LEMBRAR DAS CARTAS DE JOÃO. NELAS O APÓSTOLO AMADO NÃO MENCIONA A MORTE DOS DOIS APÓSTOLOS DE CRISTO. PODE-SE INVOCAR O ARGUMENTO DE QUE JOÃO ESTAVA PRESO NA ILHA DE PATMOS, NA ÁSIA MENOR, E PODE NÃO TER TIDO ACESSO À NOTÍCIA. PORÉM ELE NÃO ESTAVA INCOMUNICÁVEL: INÁCIO DE ANTIOQUIA, POLICARPO DE ESMIRNA E ATÉ MESMO IRINEU DE LION O VISITARAM. NINGUÉM LHE FEZ SABER A NOTÍCIA DA MORTE DOS DOIS APÓSTOLOS?**)

O consenso da maioria dos estudiosos hoje é que as cartas de Paulo começaram no início da década de 50 e os evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) foram escritos de início a meados da década de 60. As estimativas sobre os outros livros variam de 40 a 95 d.C., *mas o consenso é que todas as escrituras do Novo Testamento foram compostas no primeiro século.*

Essas conclusões significam que os relatos do Novo Testamento sobre Jesus foram escritos de sete a 30 anos após sua morte, quando milhares de testemunhas estariam vivas para negar tais fatos se eles estivessem errados. Apesar disso, não existem contestações dos relatos dessas testemunhas (O AUTOR DO TEXTO ESTÁ SE REFERINDO À VIDA, À PREGAÇÃO E AOS MILAGRES DE JESUS; SEU NASCIMENTO MIRACULOSO, A RESSURREIÇÃO E FATOS COMO A TRANSFIGURAÇÃO E A ASCENÇÃO FORAM NEGADO PELOS RABINOS JUDEUS).

As evidências de confiabilidade do Novo Testamento excedem todas as outras da história antiga. John A. T. Robinson escreve: “a riqueza dos manuscritos e sobretudo o breve intervalo entre sua escritura e as cópias mais antigas existentes, tornam-no certamente o texto mais aceito dentre todas as escrituras antigas do mundo”.

De fato, o Novo Testamento possui muito mais manuscritos com datas muito mais antigas que o Evangelho de Barnabé, como se vê no quadro abaixo.

Compare o Novo Testamento e o Evangelho de Barnabé

TESTES DE CONFIABILIDADE

NOVO TESTAMENTO EVANGELHO DE BARNABÉ

Data do original 40 a 95 d. c. 400 a 1500 d. c.

Cópias verificadas mais antigas 117 a 138 d. c. 400 a 1500 d. c.

Intervalo desde o original 22 a 98 anos Indeterminado

Anos depois de Cristo 7-30 370-1,470

Número de manuscritos no

idioma original

5,600+ Nenhum

Número de manuscritos em todos os idiomas

24,000+ 3

Citações em outros documentos históricos

36,000+ 2

Conclusão

Enquanto a “Bíblia secreta” chamada de Evangelho de Barnabé foi escrita de 400 a 1500 anos depois de Cristo, **a maioria dos estudiosos acredita que os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas foram escritos no primeiro século, uma geração depois de Cristo.**

Ao ler o Novo Testamento, torna-se evidente que os escritores tentaram registrar verdadeiramente a vida, palavras e eventos relacionados a Jesus. **Lucas, autor do Evangelho de Lucas e do livro dos atos, coloca desta maneira:**

*“Muitas pessoas puseram-se a escrever relatos sobre os eventos realizados entre nós. Eles usaram relatos de testemunhas - que circulam entre nós - pelos primeiros discípulos. **Tendo investigado tudo detalhadamente desde o início, eu também decidir escrever um relato detalhado para você, nobre Teófilo, para que possas ter certeza da verdade de tudo o que lhe foi ensinado”** (CONFORME JÁ DISSEMOS ANTERIORMENTE, SER CRISTÃO NESSA ÉPOCA TARDIA ERA CORRER O RISCO DE MORRER NA CRUZ, NA FOGUEIRA OU NO CIRCO ROMANO, DEVORADO POR FERAS. ENTÃO OS PRIMEIROS CRISTÃOS TINHAM UMA ENORME NECESSIDADE DE TER GARANTIAS DE QUE SUA CRENÇA - QUE PUNHA EM RISCO SUAS VIDAS – NÃO ERA FALSA. FOI POR ISSO QUE TEMOS TANTAS CÓPIAS, TANTAS TESTEMUNHAS INVOCADAS, TANTOS MÁRTIRES NOS 300 ANOS INICIAIS DO CRISTIANISMO).*

As antigas escrituras do Novo Testamento sugerem fortemente que podemos saber o que Jesus ensinou e como ele realmente era, através das palavras dos que o conheceram, que foram suas testemunhas.

Uma testemunha, o apóstolo Pedro, escreveu:

“Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas; Nós vimos seu esplendor majestoso com nossos próprios olhos.”

Pedro e as outras testemunhas proclamaram audaciosamente “Jesus como Senhor” sob o risco de perderem suas vidas. Talvez o legado de seu compromisso inabalável seja a evidência mais convincente de todas que o Novo Testamento, e não o Evangelho de Barnabé, apresenta o Jesus real.

Quem Jesus declarava ser? Descubra em: <http://y-jesus.org/portuguese/wwrj/1-jesus-pessoa-real/>

Clique aqui enviar comentario. Permissão para a reprodução deste artigo: O autor permite a reprodução deste material sem necessidade de aprovação escrita, apenas na sua totalidade e para fins não lucrativos. Nenhuma parte deste material pode ser

alterada ou usada fora do seu contexto, sem a permissão escrita do autor. Cópias impressas das revistas

Y-Origins e Y-Jesus podem ser encomendadas em:

<http://jesusonlineministries.org/resources/products/>

© 2010 B&L Publications. Este artigo é um suplemento da revista Y-Jesus pela Bright Media Foundation & B&L

Publications: Larry Chapman, Editor Chefe. Para outros artigos que abordam as evidências sobre Jesus Cristo, veja www.y-jesus.com.